

Imagens: da Senzala à Capela*

Paulo César Nunes



A nossa época padece de um acelerado processo de esvaziamento de significados, sem que estes, no entanto, sejam substituídos - pelo menos por ora - por novos valores que nos digam respeito tanto quanto aqueles prematuramente esquecidos. Assim, de detalhe em detalhe, sutilmente, mas sempre com violência, vamos perdendo, em todas as áreas do fazer humano, a nossa própria essência. Este fenômeno parece-nos universal, sintoma mais aparente de uma crise do espírito humano, perdido na rota traçada por uma racionalidade absurda,

que vai castrando-lhe os sonhos, a consciência e a vontade. Porém, é no espaço particular que habitamos, principalmente nós do terceiro mundo, seres ricos em vivências e em potencial mas pequenos frente à truculência do "horror econômico", que mais fortemente o notamos. Pois, de arquitetos e construtores das nossas próprias formas culturais, vemo-nos, cada vez mais, obrigados a atuarmos como meros - e maus - atores coadjuvantes, passando apenas a decorar o papel que nos impõem, através dos ardis da comunicação de massa, aqueles que se querem os únicos protagonistas da história. Vamos ficando, assim, sem rosto, sem voz e, o que é pior, sem memória.

É em boa hora, pois, que se publica este ensaio fotográfico de LAYCER TOMAZ, dando-nos, em contrapartida a esta situação, as evidências de que o reino ainda não está perdido e de que muitas coisas belas e necessárias - e sensibilidade para percebê-las - teimosamente sobrevivem, buscando o momento de retomar o seu lugar em nossas vidas. Focando o que está fora do eixo e do mercado, este insaciável monstro, fez jus o fotógrafo, para além da sua assinatura de artista, à sua formação de historiador e à sua praxis política. Respondendo a esta necessidade de visão crítica e participação escolheu, então, como tema, as belíssimas Festa de Nossa Senhora do Rosário e Festa de São Benedito, santos estes protetores e padrinhos dos

*TOMAZ, Lacyer. *Da Senzala à Capela*. Brasília: Ed. UnB, 2000

negros e dos destituídos. E sendo tais festas muito coloridas, preferiu registrá-las em preto e branco, centrando o seu olhar no olhar e na expressão corporal do outro, não turvando assim seu caráter de protesto e de ritual religioso em prol de um registro meramente carnavalesco e exótico, voltado para os olhos apressados e desinteressados dos turistas.

Ao contrário, o que vemos aqui é a mais pura expressão de que alguns valores éticos, morais e espirituais teimam em permanecer intocados pelos valores da economia de mercado. E é exatamente esta “reserva de valores” o que de melhor os povos pobres e oprimidos têm a oferecer a este treloucado mundo que ameaça sair dos seus eixos. Assim, serve este livro de antídoto às imagens viciadas construídas e veiculadas em grande velocidade pela mídia, quase sempre com interesses contrários àqueles da população que, ingenuamente, as consomem. Nele, longe da encenação e do simulacro hoje dominantes, muito além do folclórico, além do espetáculo e além mesmo da religião, o que encontramos são simplesmente pessoas, seres humanos apenas, paradoxalmente raros por exercerem sua sincera (e obscura) obviedade. Isso não é pouco, se levarmos em conta a crescente desumanização em que vamos, pressionados a viver de um modo que não escolhemos, num ritmo que não é o da dança. E o que é melhor, e mais esperançoso: consegue este feito o fotógrafo usando a própria estrutura criada pelo mundo contemporâneo, numa saudável inversão de sinais. Com um olhar que aglutina o registro fotojornalístico e a expressão artística, ele dá, com a sua mídia, visibilidade ao invisível, registrando o primitivo e essencial com a tecnologia de ponta, perpetuando e re-construindo a aura, o mistério - isso que tanto contribui para fazer do homem homem e da arte arte - através da lucidez da câmara fotográfica.

E ao enfocar a Congada, um ritual negro de morte e ressurreição, soma este livro mais um mérito aos acima apontados, que é o de chamar-nos a atenção para a problemática do negro no Brasil. Séculos após a sua chegada à América e mais de um século passado da Abolição da Escravatura, nestas páginas o que vemos são gestos e olhares que clamam por justiça e saem não apenas para festejar sua raça, porém em sinal de protesto e reivindicação. Sem dúvida, estes rostos marcados e tristes sustentando olhares desconfiados ou desafiadores denunciam que ser negro no Brasil, hoje, ainda não é um destino fácil de ser cumprido; e que não é mera fantasia a figura destes guerreiros africanos, heroicamente lutando pela sobrevivência e pela dignidade, através da perpetuação da sua cultura. É dando uma lição de solidariedade, força e persistência, que vão à rua. E se buscam, com fervor religioso, sua origem e continuidade, nestas fotos olham também para frente, exigindo um espaço no amplo painel de informação em que o mundo se transformou, pois só assim, vistos realmente como são, e no que fazem, serão compreendi-

dos e respeitados.

Ao tratar desse mesmo assunto, num estudo sobre a imagem do negro no Brasil (*A Cultura na Rua - Campinas/SP, Papirus, 1989*), indaga o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão: “Como era o rosto de Zumbi?” Eis neste ensaio fotográfico, é claro, não a resposta (que deverá ser coletiva) para esta pergunta difícil, mas um eco da própria pergunta, necessária e insistente, ressoando sobre o abismo da incompreensão e da indiferença. E, mais do que nunca, urge procurar pela resposta. Porque, sem sabermos quem e como somos, sem vermos em nosso próprio espelho todas as nuanças e brilhos da nossa múltipla face, não conseguiremos, no excludente embate da globalização, encarar as outras faces do mundo. Como diz, ironicamente, um ‘out-door’ que se vê ao fundo de uma das fotos do livro: “É preciso investir na própria imagem”. Pois façamo-lo.